
AS SENSações, A LINGUAGEM E O PENSAMENTO COMO ELEMENTOS FUNDAMENTAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Iara Lopes da Silva¹
Claudecir José Jaques²
Alexandre Ferreira Costa³

RESUMO

Os elementos sensação e linguagem são, para muitos pensadores, fundamentais na construção do conhecimento. Sem a linguagem, não há possibilidade da formulação do conhecimento acerca de um objeto denominado com suas características e funções, pois serão necessárias palavras e outros códigos para a devida compreensão. As faculdades dos sentidos permitem que os indivíduos recebam estímulos com impressões pessoais, as sensações, que acabam por despertar a necessidade do entendimento do objeto presente na relação estabelecida. O pensamento então organiza em formas ou estruturas as notificações registradas em linguagem, com informações obtidas pelas sensações. A construção do conhecimento se processa, numa relação indissociável entre as sensações que captam a realidade, a linguagem que registra as informações e o pensamento que organiza e dá sentido a tudo o que é vivenciado pelo sujeito. Nesta forma de compreender o processo cognitivo, fica evidente a importância da vivência e da emoção sentida pelos sujeitos, pois assim é que tudo passa a ser conhecimento definitivo e com sentido.

Palavras-chaves: Conhecimento. Sensações. Linguagem.

ABSTRACT

The elements of sensation and language are, for many thinkers, fundamental in the construction of knowledge. Without language, there is no possibility of formulating knowledge about an object called with its characteristics and functions, because words and other codes will be necessary for proper understanding. The faculties of the senses enable individuals to receive stimuli with personal impressions, sensations, which eventually awaken the need for the understanding of the object present in the established relation. The thought then organizes in forms or structures the notifications registered in language, with information obtained by the sensations. The construction of knowledge takes place, in an inseparable relationship between the sensations that capture reality, the language that registers the information and the thinking that organizes and gives meaning to everything that is experienced by the subject. In this way of understanding the cognitive process, it is evident the importance of the experience and the emotion felt by the subjects, because this is how everything becomes definitive and meaningful knowledge.

Keywords: Knowledge. Sensations. Language.

¹ Mestranda em Letras e Linguística pela UFG - lopesdasilvaiara@gmail.com

² Mestre em Ciências da religião pela PUC/GO - claudedirjaques@gmail.com

³ Doutor em Linguística Aplicada pela UNICAMP - alexandrecoσταufq@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O processo de construção do conhecimento já foi objeto de estudo de alguns clássicos da filosofia, também de pensadores modernos e continua sendo preocupação de alguns pesquisadores e educadores atuais. Nesta busca, tentando entender por quais caminhos se dá o conhecer das coisas, dos valores e acontecimentos, aparecem alguns elementos importantes e necessários à pesquisa acerca disso. Para muitos pesquisadores existem alguns fatores que são determinantes neste processo. Dentre eles, aparecem dois que merecem ser destacados e melhor entendidos: as sensações e a linguagem.

As sensações têm um papel primordial no processo de construção do conhecimento. Junto delas está a linguagem, que é o recurso indispensável para a geração de significados e conseqüentemente do aprendizado. As palavras são a representação do pensamento e elas foram inventadas pelo homem devido à necessidade de um recurso que permitisse interação com o meio e que descrevesse aquilo que se sente, pensa e aprende. Para buscar entender essas concepções vamos recorrer inicialmente a pensadores da Grécia antiga, a fim de nos apropriar dos primeiros conceitos sobre sensações, conhecimento e linguagem. Depois vamos recorrer a Locke (1999) e Condillac (1986) devido aos trabalhos sobre o entendimento acerca do ser humano, das sensações e do conhecimento; e fechando o texto, recorreremos aos saberes linguísticos de Humboldt (1789), Saussure (1970), Frege (2009) e Vigotsky (2008).

Este trabalho permite perceber que as sensações somadas à linguagem recebem e registram o conhecimento com o auxílio do pensamento, que os organiza em ideias, carregadas de significâncias sociais e particularizadas. Esse processo não é simples como parece, pois necessita de muitos outros elementos para a sua composição, e se constrói dentro de uma complexidade que envolverá ainda mais elementos influenciadores e determinantes.

2 AS SENSACIONES

Tanto Aristóteles quanto Platão apresentam uma visão que associa tudo o que é sensação a conhecimento. Para Aristóteles as paixões nos fazem perceber o sentido das coisas. As paixões seriam percepções sensoriais carregadas de emoções que movem o ser humano e que permitem estabelecer relações de conhecimento com o meio e de memória permanente, pois segundo Milani (2011, p. 24), "As sensações derivam dos estímulos que os sentidos recebem". Então, na relação com as coisas, com as pessoas ou com as informações, se as sensações não forem despertadas, o que foi vivenciado não se transforma em conhecimento. Ele afirma que

Como os sentidos estão sempre funcionando, o indivíduo está sempre sendo atingido por muitos estímulos e, então, está sempre tendo muitas sensações, de luz, de sons, de cheiros e táteis. Os estímulos são sempre materiais, como matéria não podem penetrar no corpo humano, por isso, o que se chama de sensação na literatura das ciências humanas, são as impressões psíquicas que os estímulos causam nos órgãos dos sentidos. Tudo que for sensação ou impressão psíquica é transmitida ao cérebro, órgão do pensamento e da memória: interpretada e associada a outras experiências e estruturada em linguagem (MILANI, 2011, p. 24-25).

Para entender melhor isso, basta pensar em uma criança cujo pai ou mãe explica que o contato com a tomada de energia produz choque. Se a criança nunca tiver a sensação do contato com a tomada ou presenciado alguém em uma situação parecida, ela nunca construirá isso como conhecimento real e permanente. No entanto, se os pais conseguirem descrever perfeitamente a situação de modo que

interfira nas emoções da criança, utilizando, por exemplo, a memória que a criança possua a respeito de dores que já tenha sentido, é possível que ela não precise da empiria para a formação do aprendizado, como se constata em Milani (2011, p. 25): “Em funcionamento, o pensamento atribui forma às sensações, como formas, podem ser organizadas em estruturas, que são hierarquias das experiências sentidas e armazenadas na memória como linguagem”. À medida em que as pessoas vivenciam mais experiências, a estrutura de todo o seu pensamento vai ficando mais complexa e, por isso, cada indivíduo fica menos suscetível a sentir novamente determinadas sensações, porque devido à memória construída, pode antecipar eventos que causem determinadas sensações que não se deseja mais sentir, como no caso de incidentes que causem dor ou tristeza.

Em Teeteto, um dos diálogos de Platão (1973), Sócrates instiga o jovem Teeteto a pensar no que consiste o conhecimento, tendo como grande objetivo fugir das concepções “universais”, que normalmente se limitam a disciplinas do saber e nem sempre permitem a promoção de uma reflexão em que se tenha a noção de que nada está acabado. Sócrates conduz sua maiêutica de modo a pensar no conhecimento como a sensação, que ocorre pelos cinco sentidos: tato, visão, audição, olfato e paladar.

Os cinco sentidos são reconhecidos como meio de entrada do saber. Em si eles não são o conhecimento, pois para que haja saber, os sentidos são acompanhados das sensações. Então as sensações, somadas à linguagem, compõe o conhecimento. O texto desse filósofo retoma o que dizia o sofista Protágoras sobre o homem ser a medida de todas as coisas, de tudo o que existe ou não. Isso implica a ideia de que sem o homem não existe nada e que nenhuma sensação é ilusória, por se tratar de conhecimento. Por outro lado, é do movimento e da mistura de todas as coisas que se forma tudo o que existe, como diz Sócrates: “Da translação das coisas, do movimento e da mistura de umas com as outras é que se forma tudo o que dizemos existir, sem usarmos a expressão correta, pois a rigor nada é ou existe, tudo devém” (PLATÃO, 1973, p.33.). Isto remete à percepção de que o conhecimento é externo porque flui, está em constantes transformações, mas que o ser humano é parâmetro por estar em movimento constante em relação ao que o cerca e integrado ao meio. Por isso, o movimento que atinge cada um é próprio, particular, e sendo assim, para cada um as coisas se apresentam de maneira diferente. Então, uma sensação poderá ser conhecida por todos, contudo, esse conhecimento não ocorre exatamente da mesma maneira, pois as emoções e impressões que temos sempre são individuais. De qualquer modo, a aquisição do saber e o aprimoramento só são possíveis através do movimento das coisas e das relações emocionais geradas.

Para John Locke (1999), as sensações são como que um recipiente no qual todas as ideias e experiências são colhidas e armazenadas para se tornarem um conhecimento significativo e verdadeiro. Assim ele se expressa nesse tocante:

O objeto da sensação é uma fonte de ideias. Primeiro, nossos sentidos, familiarizados com os objetos sensíveis particulares, levam para a mente várias e distintas percepções das coisas, segundo os vários meios pelos quais aqueles objetos os impressionam. Recebemos, assim, as ideias de amarelo, branco, quente, frio, mole, duro, amargo, doce e todas as ideias que denominamos de qualidades sensíveis. [...] A esta grande fonte da maioria das nossas ideias, bastante dependente de nossos sentidos, dos quais se encaminham para o entendimento, denomino sensação (LOCKE, 1999, p. 58).

A sensação como conhecimento se dá pelo que é sentido por uma faculdade sensorial e que não pode ser sentido por intermédio de outra, ou seja, o que é transparente aos olhos não será perceptível pelo



paladar. Mas também é possível conceber algo a partir de dois sentidos ao mesmo tempo, e a concepção não tem outra maneira de existir que não seja pela língua. O que é percebido só se torna essência e conhecimento quando se concretiza o processo de raciocínio acerca das impressões. Então, em tudo o que se sabe há a marca da impressão, embora nem sempre o que se tenha como conhecimento possa ser tomado como verdadeiro ou falso devido às particularidades de cada indivíduo. Como as opiniões são geradas da relação entre a sensação e o pensamento, é possível haver um desajuste entre pensamento e sensação, uma forma de dissonância cognitiva, ou seja, uma diferença ou desajuste entre a realidade, a sensação e o pensamento.

Condillac, um importante filósofo francês, segundo a afirmação de Milani (2016, p. 3), diverge em algumas ideias de Locke, sobre como os sistemas naturais possuem relação com os conhecimentos que os indivíduos adquirem. Para ele, de natural o ser humano somente tem o corpo físico.

Desse modo, do conjunto que se organiza através da linguagem, somente as sensações são do indivíduo, todo o resto, inclusive a análise das sensações, que é feita pela memória, é produto dos valores adquiridos. [...] O ser humano está composto de corpo físico com uma alma. O corpo possui os sentidos e a alma as sensações. A alma sente as sensações pelos sentidos, principalmente o tato, e forma a memória das sensações (CONDILLAC, apud MILANI, 2016, p. 3).

Por conseguinte, o conhecimento só pode ser o resultado daquilo que os indivíduos aprendem de acordo com os estímulos recebidos do meio através seus sentidos e que geram determinadas sensações. O conhecimento é, portanto, um fato social. Segundo Milani (2016), Condillac separou os sentidos das sensações, para poder explicar que os sentidos são inatos do ser humano, mas que as sensações são particulares a cada um. Por isso, os conhecimentos adquiridos pelas pessoas são distintos. Os homens são iguais na superfície, naquilo que lhes é de ordem natural, mas como as competências e habilidades de cada ser humano são diferentes, os conhecimentos construídos também são distintos, afinal, são particulares as impressões da alma de cada indivíduo e a interpretação que se tem daquilo que se passa a conhecer.

3 O CONHECIMENTO

Ao tratar do conhecimento, optamos por cunhar uns ou outros termos. A partir desse estudo, parece mais adequado utilizar o termo construção do conhecimento em lugar de aquisição devido ao fato de que o conhecimento existe a partir das sensações que cada indivíduo tem, pois, as sensações de um para outro ocorrem de modo particular e irrepetível. É como se a aquisição tratasse somente de algo pronto e sem movimento, que fugisse da dinâmica do saber e da própria língua. Nesse sentido, não é possível entender o outro se nunca se viveu as mesmas experiências. Logo, é impossível dizer que se entende o outro plenamente ou se reconhece uma verdade se não se tem memória de sensação igual ou aproximada. Então, para se aproximar da verdade e do conhecimento, impressões próximas são necessárias.

Na obra Tratado das Sensações, segundo Milani (2016), Condillac ressalta que todo conhecimento se dá por meio dos sentidos, mais precisamente das sensações. Então, podemos dizer que a sensação tem como porta de entrada os sentidos, mas ela se dá na mente, pois tem relação com o sentimento. Tem relação com o sentido enquanto significado e não meramente enquanto órgão que produz os sentidos, por isso estabelece relações com o sentimento e com o que é social e cultural, enquanto os

sentidos tato, olfato, visão são componentes do corpo e, portanto, naturais.

Embora Condillac, na análise de Milani (2016), trate mais do ser humano do que da linguagem propriamente dita, a obra dele contribui para fazer nascer a Linguística. A fala é tida como o recurso criado pelo ser humano para poder se expressar. Como a natureza nos deu por inteiro nossos sentidos, entendemos que a informação está fora do ser humano, mas que ela é construída por eles. Esta construção somente é possível porque transformamos nossas impressões em matéria linguística. Como só vemos ou sentimos aquilo que é articulado, entendemos no mundo o que articulamos. Articulamos linguisticamente através das sensações e por meio dos signos é possível estabelecer um processo de pensamento que flui para a construção do conhecimento. Então, só é possível ter como existente e memorizar aquilo que tem status linguístico, que denota as sensações transformadas em conhecimentos. A sensação faz parte da própria reflexão acerca do que se sente e a linguagem é responsável por refletir isso. Desse modo, a memória só existe a partir do que se conhece e o que se conhece é movido pelos sentidos e pelas sensações. Os sentidos que temos captam as sensações, mas quem sente é a alma, e por isso a sensação é a reflexão propriamente dita.

Entendemos que a linguagem antecede o pensamento, pois somente a partir dela é possível descrever sensações, interpretá-las e transformá-las em informação. Não dá para dissociar a linguagem do pensamento. A aprendizagem tem relação intrínseca com a aquisição da língua e com as sensações. Se uma sensação não é nomeada, ela não será conhecimento, então não haverá memória se não houver um recurso da língua que permita nomear e fazer lembrar de determinada sensação.

Todas as ideias derivam da sensação ou reflexão. [...] De onde se aprende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra: da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento (LOCKE, 1999, p. 57).

Para esse autor, é impossível nomear sem haver reflexão. Lembremos que a reflexão só é possível pelas sensações, que são conhecidas pelo uso da língua. Para ele, a mente é como um papel em branco (tábula rasa), o que remete ao pensamento de Aristóteles. Então, todo conhecimento e materialidade da razão que são adquiridos fundamentam-se na experiência. A observação acerca do que nos rodeia e daquilo que sentimos materializa-se como uma fonte de ideias, que provém das sensações que temos.

Tomemos a criança como exemplo, ela vai percebendo, tendo sensações e conhecendo o mundo. Se uma pessoa ficasse isolada de percepções, o seu conjunto de conhecimentos ficaria reduzido às quatro paredes de sua clausura. Milani (2011) trata disso:

Um sentimento ou um entendimento permanece no interior de uma comunidade como sensação. Muitos indivíduos sentem seus estímulos, mas nenhum consegue dar-lhes forma de linguagem, porque nenhum desses pensamentos consegue compor todas as partes da sensação. Em dado momento, um desses pensamentos realiza a estrutura da ideia e, assim, é capaz de pôr nome nela. A palavra que será o nome dessa sensação, apresentará a forma das palavras por analogia às ideias que existam como memória do pensamento que a definiu. (MILANI, 2011, p. 27)

Um filme que nos ajuda a entender esse processo de conhecimento pelas sensações/estímulos, é uma produção alemã antiga, de Werner Herzog: O Enigma de Kaspar Hauser, que foi baseado em fato real. Neste filme, que retrata a realidade de um indivíduo que ficou em um calabouço por quarenta anos, desde criança, mas tendo algum conhecimento de língua através de seu tutor, há uma cena simbólica para esta análise: Kaspar (o protagonista), ao ser retirado do calabouço, confronta-se com o simples acontecimento de uma maçã sendo jogada e em seguida quicando por entre pedras no chão. Diante



da cena, Kaspar diz: “Que esperta ela! Saltou por cima da pedra!”. A percepção dele em relação ao acontecimento gerou um conhecimento dissonante da realidade, por faltarem a ele outras percepções, que teria adquirido se tivesse vivenciado sensações anteriormente negadas e se tivesse o domínio das formas da linguagem necessárias à organização do pensamento.

Platão (1973) diz que Sócrates, no diálogo com Teeteto, menciona que é possível a admissão de uma opinião falsa acerca de uma determinada coisa quando não se tem o conhecimento pleno dela. Então, na busca pelo conhecimento que se adequa a observação daquilo a que se refere, ocorre de em outro conhecimento buscar a explicação desejada. Exatamente isto ocorreu com Kaspar: diante de um fato até então desconhecido por ele, buscou na memória um conhecimento linguístico que se aproximasse daquilo que ele pretendia expressar. Por mais que descrever a maçã como esperta fosse um conhecimento falso, ele buscou exprimir a percepção que teve a partir daquela ocorrência. Sócrates trata disso:

Por isso, quando alguém forma opinião verdadeira de qualquer objeto, sem a racional explicação, fica sua alma de posse da verdade a respeito desse objeto, porém sem conhecê-lo. Pois, quem não sabe nem dar nem receber explicação de alguma coisa, carece do conhecimento dessa coisa; porém, se a essa opinião acrescentar a explicação racional, então ficará perfeito em matéria do conhecimento (PLATÃO, 1973, p. 103).

Em outra cena do filme mencionado, Kaspar é mostrado tentando expressar a sua noção de espaço e tamanho dizendo que o seu quarto era maior do que a torre de mais ou menos 20m de altura que estava a sua frente. Os seus interlocutores lhe alertaram que a torre era bem maior que o seu quarto, que inclusive ocupava um espaço dentro da torre. Kaspar não entende isso e explica que no seu quarto (onde ficou por muitos anos), para todos os lados que ele olhava ele via o quarto e a torre estava somente em sua frente. Logo, para ele, o quarto era sentido e percebido como um local muito maior. A sensação dele era diferente do que a dos seus novos tutores que tentavam explicar-lhe conceitos abstratos, sem levá-lo a sentir de forma diferente. Isso remete ao fato de que as sensações, embora ligadas a relações com o meio, são sempre impressões individuais de acordo com os sentidos e experiências vivenciados.

Interessante perceber isso e estabelecermos aqui uma contextualização com o processo de aprendizagem que é orientado nas escolas ou universidades. Pode ocorrer que muitas vezes propomos caminhos de descobertas e construções cognitivas que não respeitam a história ou antigas percepções e sensações dos estudantes. Provavelmente, muitas das coisas que trazemos como importantes e indispensáveis para a formação das competências pessoais e profissionais dos estudantes, por serem totalmente desconectadas de sua realidade, não provocando neles nenhuma sensação devido a não terem memória, nem vivencial nem aproximada, do que lhes é dado, não lhes levem a interessar-se, valorizar e entender aquele conteúdo que para nós parece ser precioso e indispensável.

Diversas cenas desse filme podem ser interpretadas sob o ponto de vista da construção do conhecimento, tendo como ponto de partida as sensações e a linguagem. Podemos destacar ainda uma cena em que o professor de filosofia tenta ensinar-lhe lógica. O professor faz uma pergunta lógica a Kaspar: existem duas aldeias; em uma, todos falam a verdade, e, em outra, todos mentem. Se alguém encontrar um homem, e desejar saber de qual cidade ele vem, só podendo fazer uma pergunta, qual pergunta seria essa? Kaspar não responde. Então o professor diz a resposta: A solução logicamente correta seria perguntar ao nativo, “se eu lhe perguntasse se você é da aldeia A, você diria que sim?”. Dessa forma o nativo da aldeia B seria forçado a responder com uma negativa dupla, e, portanto, a dizer

a verdade. Kaspar então diz que há outra pergunta possível. Ele perguntaria para o homem: “você é uma rã?”, e a resposta dele esclareceria a qual aldeia ele pertencia; se era dos que falavam a verdade ou dos que falavam a mentira. O professor, então, fica irritado, e diz que a resposta de Kaspar não é lógica e é inaceitável.

O que podemos perceber nesta cena do filme, no tocante à construção do conhecimento? Percebemos que a linguagem lógica do professor não era de domínio do Kaspar, mas o professor, sem querer conduziu Kaspar a construir o encontro com o nativo da vila da verdade ou da mentira. O conhecimento de Kaspar sobre mentira e verdade era dominado. Com a sua resposta, por mais que o professor não tivesse gostado, nem aceitado, ele conseguia resolver o problema. A noção de conhecimento do professor era reduzida à transmissão de um conceito pronto, de uma resposta clássica, sem considerar a compreensão das sensações sentidas por Kaspar. Não via ele a possibilidade do aluno em questão construir o conhecimento por contra própria a partir da linguagem de seu domínio e das sensações que compunham sua memória de modo particularizado.

4 A LINGUAGEM

Passemos às noções acerca da linguagem. Retomamos aqui, Teeteto, em que Platão (1973) apresenta a noção de que o conhecimento é manifestado pelas palavras. Acreditamos que de fato não haja outra forma para que o conhecimento seja manifestado, tanto que a língua é o recurso para o processo de construção e de manifestação do conhecimento e não somente instrumento de comunicação. Já em Crátilo, ele apresenta a divergência de pensamento sobre a língua entre Crátilo e Hermógenes. O primeiro entende a língua como o espelho do mundo. O segundo defende a ideia de que a língua é arbitrária. Sócrates leva ambos a observar a consistência ou não dos argumentos de ambos, buscando um equilíbrio entre os conceitos. Ele compara as palavras com instrumentos, que precisam ter certas propriedades para que fiquem adequadas ao uso. Admite que a língua, embora ligada diretamente à realidade, às vezes se mostra como uma imitação imperfeita, não permitindo a percepção de uma estrutura natural.

Aristóteles (2010), outro filósofo que se dedicou à compreensão do conhecimento, do uso da língua e de suas relações com a alma, estabeleceu três etapas no processo de conexão entre as palavras e a realidade. A primeira, de que os signos escritos remetem aos falados; depois, que os signos ditos representam as impressões na alma; e por fim, que as impressões na alma são a aparência que se tem do mundo. O filósofo salienta que todos os homens têm as mesmas impressões e veem as mesmas coisas, no entanto, os conceitos que se formam individualmente têm diferenças devido às particularidades das representações através da fala. Todas as ideias memorizadas pelos indivíduos estão em conformidade com as experiências individuais e de acordo com o que foi sentido.

Outro pensador necessário para se compreender o campo da linguagem é Humboldt (2001), que é considerado o verdadeiro “pai” da Linguística, já que Saussure é posterior. Ele trata a linguagem como uma capacidade inata do ser humano. Ela é uma submissão à medida que será adquirida, contudo, se o indivíduo não tem língua, ele não tem conhecimento. Portanto, as ideias são construídas por meio da língua, o que ocorre pela interpretação feita acerca das sensações e que se dá a partir das palavras. Então, não é possível perceber, interpretar e conhecer se não houver a língua. Para o linguista alemão, as palavras nascem do discurso, dessa forma, seria possível pensar também em uma relação intrínseca

entre as sensações, o discurso e as palavras; isto porque os discursos costumam carregar em suas representações materiais linguísticas marcas de sensações acerca da realidade.

Locke (1999) também deixou uma contribuição importante para a questão da linguagem. Ele projeta as palavras, que são tão necessárias à comunicação, como “sinais sensíveis” por, de certa maneira, revelarem aspectos das sensações sentidas pelos indivíduos. É importante compreender um pouco do pensamento dele acerca disso para pensar a linguagem a partir de Saussure. Para ele,

É preciso que se transformem em sinais as ideias. Além de sons articulados, portanto, foi mais tarde necessário que o homem pudesse ter a habilidade para usar esses sons como sinais de concepções internas, e fazê-los significar as marcas das ideias, internas de sua própria mente, pelas quais elas serão conhecidas pelos outros, e os pensamentos das mentes dos homens serão mutuamente transmitidos. (LOCKE, 1999, p. 143)

Em Saussure (1970) a língua é tida como concreta dentro da sociedade e o único modo de acessar o conhecimento é pela língua, de modo que o mundo só existe a partir dos signos. Tudo o que se conhece foi construído a partir do exercício do pensamento, que só é possível a partir das palavras. Portanto, a memória é sempre linguística. As sensações só puderam ser transformadas em conhecimento porque uma vez, que se transformaram em signos, passaram a ser memorizadas e o conhecimento desenvolvido, a partir da fala, pode ser compartilhado. Esse mesmo autor concebe a linguagem com um lado social e um individual, apontando que estes lados são interdependentes. Pode-se depreender disso que as sensações despertadas nos indivíduos, ao mesmo tempo em que se transformam em signos conhecidos coletivamente para realizar registros na memória, carregam desse modo a interferência social, mas também os sentimentos e impressões individuais que foram despertados pelos sentidos e que se transformaram em sensações particularizadas. Saussure (1970), descreve o que é língua e linguagem em consonância com esta observação.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 1970, p. 41).

O conhecimento existe porque é resultado da mistura das sensações e do processo de raciocínio que gera ideias e que se utiliza dos signos; sendo assim é importante lembrar que a ideia é individual e subjetiva, mas a referência é coletiva, do mesmo modo que a língua, por tratar-se de algo estruturado socialmente e de forma arbitrária. No entanto, os sentidos, mesmo que coletivos, podem variar conforme o contexto sociocultural. Então, cada indivíduo tem visões particulares acerca das ideias, porque as impressões sugeridas pelas sensações que temos não são plenamente iguais a todos. A síntese é sempre individual, apesar de, às vezes, errônea, devido a defasagens cognitivas ou interferências circunstanciais.

Frege (2009) entende o pensamento como um processo em que as palavras são sempre referência para algo. Aqui retoma-se a noção de que não é possível pensar sem palavras, sem haver uma língua, sem haver uma referência. E se as palavras são referência, elas assim o são por serem a tradução das sensações que se tornam conhecidas. Milani (2011) lembra que

As palavras levam para dentro do pensamento as informações recolhidas do meio social, e uma vez estando na memória passam a ser um conhecimento, porque sempre podem ser utilizadas para analisar

uma nova sensação. O conhecimento está na sociedade, na forma da natureza como conhecível e na forma da língua como já conhecido (MILANI, 2011, p. 28).

Referindo-se especificamente à palavra, Arnauld e Lancelot (2001), na Gramática de Port Royal, sugerem que a palavra tem um lado espiritual, que faz dela um dos recursos mais vantajosos que o ser humano tem em relação aos demais animais. A palavra é considerada a materialidade da razão, pois por meio dela todos os pensamentos são expressados. Estes autores chamam atenção para a capacidade que as palavras dão ao homem de expressar “todos os diversos movimentos de nossa alma”, reportando essa compreensão ao pensamento aristotélico acerca das paixões da alma. Eles descrevem a definição das palavras:

Assim se podem definir as palavras: sons distintos e articulados, os homens transformaram em signos para significar seus pensamentos. É por isso que não se pode compreender bem os diversos tipos de significação que as palavras contêm, se antes não tiver compreendido o que se passa em nossos pensamentos, pois as palavras foram inventadas exatamente para dá-los a conhecer (ARNAULD & LANCELOT, 2001, p. 29).

O ser humano criou os signos para revelar as emoções sentidas acerca das situações às quais está exposto. Em vista disso, é preciso considerar os aspectos generalizantes das palavras, de modo que foram organizadas e estruturadas para o uso coletivo, mas também considerar sempre os aspectos individuais do falante, que as usa segundo as sensações sentidas pelo seu espírito.

Vigotsky amplia a compreensão apontada acima, enfatizando o aspecto social que interfere no uso das palavras. Para ele, “ a concepção do significado da palavra como uma unidade tanto do pensamento generalizante quanto do intercâmbio social é de valor inestimável para o estudo do pensamento e da linguagem” (VIGOTSKY, 2008, p. 8). Somente dessa forma é possível um estudo com análise verdadeira, de modo que contemple a sistematização das relações entre a capacidade de pensar e da extensão social.

O relacionamento entre a palavra e o pensamento é concebido por Vigotsky como um processo, algo que está em constante movimento de troca. Assim,

Nesse processo, a relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. [...] Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema. Esse fluxo de pensamento ocorre como um movimento interior através de uma série de planos. Uma análise da interação do pensamento e da palavra deve começar com uma investigação das fases e dos planos diferentes que um pensamento percorre antes de ser expresso em palavras (VIGOTSKY, 2008, p. 156-157).

Cada enunciado dito não se configura com uma estrutura rígida, mas reflete um processo vivencial, pois todas as expressões verbalizadas são desenvolvidas de forma gradativa. É um processo em que, com o tempo, a relação entre sons, significados e pensamento passa por aperfeiçoamentos. A língua sofre transformações contínuas, seja pelos sentidos individuais de cada pessoa, seja pela conformidade com as situações vivenciadas pelos falantes.

Depreendemos então, que tudo o que é natural pode tornar-se conhecido pelo indivíduo, mas isso só é possível pelo uso da língua. A língua foi o recurso encontrado pelo ser humano de maneira a se transformar em sinais gráficos e fonéticos aquilo que se percebe a partir dos sentidos. Então, sem a língua não há como pensar ou conhecer. O processo do pensamento se dá pela estrutura linguística e isso permite armazenar o conhecimento para depois reproduzi-lo ou transformá-lo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se quer com esse trabalho estabelecer verdades ou conhecimento imutável, uma vez que entendemos que todo conhecimento se transforma porque tudo está em movimento. Mas quisemos reconhecer como se processa o conhecimento a partir das vertentes das sensações, das emoções e da linguagem. Parece ser impossível conhecer algo sem o pensamento ter sido despertado pelas sensações, do mesmo modo que não há como haver pensamento sem o recurso da língua. Somente é possível pensar naquilo que foi nomeado, que foi descrito. E somente é possível nomear o que foi sentido e impresso “na alma”.

Em geral, quando se refere a conhecimento, é difícil não abordar o aspecto educacional da construção dele, pois o conhecimento só ocorre quando o processo está completo e envolve percepção e significado, o que só é possível a partir das sensações vividas pelo indivíduo. A aprendizagem é entendida como um *insight* (revelação), então ela acontece como um encaixe, uma organização imediata de vários fatores e que dão significado à informação que é impressa na memória através do que se sente. Na área da educação, aquilo que é chamado de *insight* pela teoria da Gestalt⁴ é uma combinação entre os estímulos e o campo cognitivo. O ser que percebe ou que entra em contato com a situação geradora de conhecimento, só efetiva a aprendizagem se houver um envolvimento vivencial, que é um saber impresso na memória através das sensações.

Com isso, os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem precisam preocupar-se com as condições externas e internas de quem está por aprender. Para que o conhecimento faça sentido, o protagonista deve estar aberto e sensível ao estímulo externo, de maneira que o contexto em que se está inserido deve contribuir para estimular o campo sensorial do indivíduo

Encerramos este trabalho ressaltando que aspectos de conhecimentos textuais e discursivos poderiam ter sido tratados, entretanto não foram por delimitarmos a busca da compreensão acerca do processo em que ocorre o conhecimento e sua relação sensorial particularizada. Por isso é preciso enfatizar que a concepção da construção do conhecimento pode ser pensada sob o ponto de vista estrutural e de modo mais amplo, já que a maior parte das opiniões das pessoas é proveniente de fortes interferências sociais.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Sobre a alma*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010.
- ARNAULD Antoine; LANCELOT, Claude. *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CONDILLAC. É. Bonnot de. *Textos escolhidos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1986.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

⁴A *gestalt* (guês) (do alemão *Gestalt*, “forma”), também conhecida como *gestaltismo* (gues), teoria da forma, psicologia da *gestalt*, psicologia da boa forma e leis da *gestalt*, é uma doutrina que defende que, para se compreender as partes, é preciso, antes, compreender o todo (FERREIRA, 1986).

-
- FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona: Anthropos, 1990 [1789].
- LOCKE. John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo, Nova Cultural, 1999.
- MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia — Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia, Kelps, 2011.
- _____. *Étienne Bonnot de Condillac: das sensações nasce o sistema de língua do homem*. Revista Papéis. Vol. 20. Nº 39. Campo Grande: UFMS, 2016.
- _____. *O conhecimento e a criatividade no diálogo entre Sócrates e Teeteto*. Disponível em: <https://imago.lettras.ufg.br/up/156/o/teeteto.pdf>. Acesso em 21mai. 2017.
- O ENIGMA de Kaspar Hauser. Produção: Werner Herzog. Alemanha Ocidental: Film Forever, 1974. 1 DVD.
- PLATÃO. *Diálogos*. Belém, UFPA, 1973.
- SAUSSURE. Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2016 [1970].
- VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.